



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/).

Fascículo Disciplina: Produção de conteúdo para as mídias digitais - Pensando o Ato Criativo: a forma da criação e fatores inibidores da criatividade
Docente: Prof. Dr. Benedito Dielcio Moreira

Em primeiro lugar, podemos admitir que ser criativo é transformar ideias em soluções. Para termos soluções precisamos de problemas. Em sendo assim, podemos olhar para um problema de duas maneiras: na primeira, pensamos que um problema é um **problema**, um “fardo” a ser carregado, algo que devemos fugir, escapar, evitar, passar ao largo. Se for adotada essa postura, lá se foi a chance de ser criativo. Mas podemos também pensar que um problema é algo que precisa de solução. Quando levamos o pensamento na direção desse segundo modo de pensar, estamos assumindo a nossa capacidade criativa.

Em outros termos, podemos dizer que o criativo persegue o que ele acredita. Vejamos nossos estudantes: quando eles querem aprender como se usa um aplicativo, não descansam enquanto não alcançam o objetivo pretendido. Para isso, entram em fóruns, conversam com amigos, ficam horas experimentando, lendo ou assistindo pelo *Youtube* manuais e tutoriais. Isso é ser criativo: perseguir soluções. É certo, porém, que gostaríamos de ver o mesmo comportamento com as disciplinas que ministramos. Esse é o desafio criativo que está hoje posto aos professores: como trazer o potencial criativo de nossos alunos para a aprendizagem escolar?

O criativo persegue o que acredita. Quanto maior o número de perguntas que fazemos, maior é a nossa possibilidade de encontrar respostas adequadas. O que isso significa? Quando um criativo está diante de um problema, ele busca conhecê-lo, entendê-lo. Para isso ele formula perguntas e vai atrás de respostas. É o que fazemos com as coisas mais simples da vida. Vejamos um exemplo: diante de nosso orçamento mensal, queremos sempre comprar mais e por preço menor. Perguntamos o que comprar, como comprar e onde comprar. Saímos em

busca de respostas, para então tomarmos a decisão. Por esse modo de pensar, os problemas mais difíceis também merecem o mesmo encaminhamento: como tornar um problema de física, de matemática, de redação, ou de qualquer outra disciplina atrativo para os nossos alunos?

“Criar é dar forma, estruturar”

Os pesquisadores de criatividade (Veja uma sugestão de obras interessantes sobre esse tema, abaixo) admitem que a criatividade tem alguns componentes importantes: 1. Tem relação com a pessoa que cria, isto é, com seu temperamento, hábitos, valores, atitudes pessoais; 2. Tem relação com os processos mentais, com a motivação, percepção e comunicação; 3. Tem relação com o ambiente – social, cultural; 4. E com a materialização das ideias em forma de poemas, músicas, esculturas, processos, pinturas, produtos de toda ordem, ou mesmo outras ideias, materializadas em forma de conceitos, explicações, paradigmas etc.

Há, todavia, um ponto que une os quatro elementos citados acima: o inconformismo. Quanto mais inconformados diante de um problema, mais dispostos estamos para buscar uma solução. O inconformismo nos move, nos impulsiona. Um jovem, por exemplo, diante de uma novidade na internet, não se conforma com o desconhecimento. O inconformismo é angustiante. São as circunstâncias que nos deixam angustiados, inconformados. Todos nós sabemos disso quando estamos diante de um problema que precisa a todo custo ser resolvido. A angústia vivenciada como decorrência do inconformismo precede sempre uma ideia, transformada em tomada de decisão, em ação. Quer dizer, nossas ideias e ações tem relação direta com a redução dos conflitos geradores de problemas. Quanto mais conformados, maior é a nossa indiferença.

Diante disso podemos ter duas posturas: 1. Adotar um comportamento de observador e espectador da originalidade dos outros; 2. Assumir a postura de um agente transformador de problemas em soluções. Quer dizer, podemos cultivar um comportamento criativo e estimular em nossos alunos o mesmo

espírito. Criar um ambiente aberto a novas ideias, uma atmosfera criativa, é um passo decisivo. Sabemos, no entanto, por experiência própria, que essa não é uma tarefa simples, fácil. Estamos geralmente tão envolvidos e pressionados pelos problemas que geralmente perdemos a capacidade de encontrar respostas.

Um ponto comum entre os criativos é olhar o problema do lado de fora. Como assim? Sair do próprio ambiente para poder percebê-lo: "Se alguém um dia descobriu a água, esse alguém não foi um peixe". Esta frase do teórico canadense, Marshall McLuhan, é genial. Conformados com as coisas do modo que achamos que elas são, ou pressionados pelos problemas, tensionados pela emergência de respostas, geralmente ficamos paralisados ou confusos, parece sempre que estamos diante de um beco sem saída. É hora de voltar, dar uma ré inteligente e buscar avenidas largas.

Tempos atrás, um banco veiculou nas TVs uma publicidade muito interessante sobre isso que estamos falando. Um funcionário, no alto de uma escada, tenta ajustar a posição de um quadro. Nós, que estávamos em casa, víamos que ele ajustava o quadro para direita, depois um pouco para esquerda e vimos também que ele não sabia exatamente se o quadro estava corretamente alinhado. Ele não se conformava com nenhum ajuste. Percebíamos, do sofá de nossas casas, que qualquer que fosse a direção em que ele movesse o quadro, ele sempre ficava torto. Então, a certa distância, um casal chamou a atenção do funcionário e o orientou para os movimentos certos. E todos vimos o quadro ficar perfeitamente ajustado na parede. Se houvesse um jeito de interagir de nossas casas, com certeza muitos de nós o ajudaríamos também. Se ele descesse e subisse as escadas algumas vezes, olhando o quadro à certa distância, poderia também resolver o problema. A lógica é uma só: olhar o problema do lado de fora não elimina o problema, mas nos capacita a compreendê-lo e a buscar uma resposta, e se for com a ajuda de outras pessoas, melhor ainda, assim evitamos subir e descer escadas.

O que inibe a criatividade?

O primeiro combate é com nós mesmos: vencer o imobilismo e o conformismo. Aceitar a possibilidade de outras respostas além daquelas que achamos ser as únicas, é o primeiro passo. Aliás, sabemos que o nosso aperfeiçoamento profissional e como ser humano somente se torna possível quando eliminamos bloqueios, quando aceitamos os diferentes e as diferenças. E quais são os bloqueios que inibem a nossa busca de saídas? Os passos que trago abaixo são encontrados na bibliografia que listo no final do texto. Alguns desses livros podem ser indicados para os seus alunos, pois são didáticos, divertidos e muito interessantes. Vale a pena conferir.

Quais são então os bloqueios mais comuns para o desenvolvimento da criatividade? Seguem alguns exemplos:

Acomodação

É quando ficamos conformados, de certo modo imobilizados, mas, também, e principalmente, porque normalmente queremos sempre respostas já conhecidas. Ocorre que quando não ousamos buscar respostas além daquelas já dadas, conhecidas, corremos o risco de ficar na mesmice, o que inibe qualquer disposição para a mudança. Em outros termos, a acomodação tem relação com o nosso apego a situações conhecidas. Em excesso, isso inibe a disposição pela mudança. Porque os jovens se tornam exímios operadores de tecnologias digitais ou de qualquer outra coisa nova? Primeiro, porque estão sempre abertos ao novo; segundo, eles não têm medo de errar; terceiro, eles estão atentos às mudanças, o que os levam a perguntar e a buscar respostas. Já nós, os adultos, valorizamos mais o que é previsível, conhecido. Como dizem os autores das obras que estamos recomendando, o previsível em excesso inibe qualquer disposição para a mudança.

Desânimo

É quando estamos desmotivados, desestimulados. Isso nos torna reclusos em nós mesmos e ao que sabemos, isto é, pouco disponíveis ao engajamento com o novo. Nessa situação, tudo é problema, tudo é difícil. Nesse caso, falta motivação, estímulo, o que tem como consequência o não

engajamento. Todos nós já vivemos situações de desânimo, de falta de estímulo, o que resulta em não envolvimento em atividades novas, mas também, principalmente, na não aceitação de novas ideias.

Pessimismo

Aqui está um inimigo muito comum do criativo: o pessimismo. Respostas do tipo “isso não vai dar certo”, “não sou capaz”, “não consigo” são tão fortes que já nos colocam na condição de derrotados sem antes entrarmos em campo. Ser criativo é apostar no incerto. Já ouvimos muitos de nossos alunos desabafarem dizendo que não conseguem realizar essa ou aquela tarefa. Se colocar como derrotado sem mesmo se preparar é o mesmo que nunca entrar em campo. Como dizem os autores que estamos sugerindo para leitura, a frase “isso não vai dar certo” é o inimigo de todo criativo. Criatividade requer ousadia no pensar, no elaborar. Se não der certo uma vez, comece novamente. “Um dia eu chego lá”, é a frase mais comum dos otimistas. Dos pessimistas, “não vai dar certo”, “eu não consigo”.

Timidez

É verdade que a timidez nos deixa menos assertivos, mais reclusos em nós mesmos. Porém, aquilo que de certo modo dominamos nos convida à exposição, ainda que de forma mais cautelosa. De fato, a timidez inibe atitudes e exposições, mas isso não é um impedimento para ser criativo. Veja alguns tímidos que deram a volta por cima da timidez: Bill Gates, Albert Einstein, Steven Spielberg, Isaac Newton, JK Rowling, entre outros.

Insegurança

Esse é de fato um grande problema para a criatividade. Segundo os autores que apresentamos nas obras indicadas abaixo, insegurança tem relação com autoconhecimento e baixa autoestima. Como superamos? Como podemos ajudar nossos alunos a superar esses problemas? Esse é de fato um desafio criativo para todo educador. Sobre isso, vamos falar mais à frente.

Imediatismo

A história muito comum que recomenda “ir direto ao ponto” tem relação com a pressa, com a impaciência, com as regras do fazer repetitivo, com a lógica e pouca relação com a criatividade. Ações criativas muitas vezes exigem atalhos, retornos, experimentos. É certo também que quem fica tendo ideias o tempo todo, mas não as coloca em prática, é um forte candidato a ficar no meio do caminho. Em algum momento as ideias precisam sair do pensamento e ser materializadas em forma de poemas, de um anúncio publicitário, de uma música, de uma invenção, de uma aula diferente.

Dispersão

Esse é um outro grande problema para o exercício da criatividade. Problemas com a administração do tempo e com a dispersão não afeta apenas a criatividade, mas toda e qualquer atividade. Quem tem dificuldades com a administração do tempo acaba por deixar para depois aquilo que não é imediato. Isso significa que ações inovadoras sempre ficam para depois e raramente o “depois” acontece. Mas esse é um problema insuperável? Com certeza não. Tenho observado em nossos projetos de educomunicação que o estímulo, reconhecimento e compreensão daquilo que o jovem faz o leva a considerar com mais seriedade e disciplina aquilo que é importante para a formação dele.

Como estimular uma participação criativa

A criatividade requer o julgamento adiado. Quer dizer, há um tempo de criar e outro de julgar. Em outros termos, isso é uma atitude. E todos nós sabemos disso. Por exemplo: quando jovem, escrevíamos poemas, apenas criávamos e depois relíamos, às vezes mudávamos trechos, palavras, rimas. Ao final, submetíamos a alguém. Os mais tímidos, como eu, guardavam em baixo do travesseiro por um bom tempo. Depois de um tempo ganhava coragem e mostrava para alguém. Esse modo de pensar, do julgamento adiado, se desenvolve pelo aprendizado de uma atitude. E lá na nossa adolescência e

juventude, quando saíamos do anonimato? Quando o leitor se mostrava realmente interessado e suas falas funcionavam como um impulsionador de novos versos. Aqui cabe uma pergunta que devemos sempre formular: quando estamos de fato estimulando ou inibindo a criatividade de nossos alunos?

Atitude Criativa

A criatividade está presente em todas as atividades humanas. Tanto nas artes quanto nas ciências. Sem criatividade nem artistas ou cientistas vão a lugar algum. Mas não somente nessas duas áreas. Uma dona de casa é criativa na cozinha, na relação com os filhos; a trabalhador é criativo no seu labor, nas coisas que faz. Atitudes criativas estão presentes em todas as atividades humanas, é individual, é uma tomada de posição, é uma atitude que nos leva ao desconhecido, que nos impulsiona para o novo. Provocar uma atitude criativa é criar uma atmosfera estimulante, propícia à criação. E como fazemos isso?

Todos os autores que trabalham com criatividade concordam que tudo fica mais fácil quando temos uma atmosfera encorajadora, que nos estimula a buscar o novo. Tudo o que nos leva ao conformismo inibe a nossa criatividade. Quais são então, segundo os autores das obras que estamos recomendando, as características que devemos estimular para tornar a convivência com nossos alunos estimulantes, criativas e com resultados? Seguem 10 possibilidades:

1. Estimular a recepção de problemas em toda a sua complexidade;
2. Isso reforça a curiosidade, o desejo de saber mais, de compreender, o que nos leva a ter experiências gratificantes;
3. Quanto mais receptivo, mais sensível nos tornamos, pois isso aguça nossa capacidade de diferenciar e de aceitar as diferenças;
4. Ver sempre algo já conhecido como se estivéssemos vendo pela primeira vez. Isso nos ajudar a ver pontos antes não considerados;
5. Disposição para ousadias, para o novo;
6. Imaginação ativada, combinando situações, ideias;
7. Fazer da busca de ideias e de soluções uma experiência lúdica; alegre;

8. Relembrar conhecimentos acumulados e relacioná-los com novas propostas, novas circunstâncias;

9. Cultivar a originalidade, o que significa ver as coisas de modo diferente da forma habitual de ver;

10. Lidar com a complexidade identificando como os fenômenos que requer nossa criatividade são organizados, reorganizados, o que nos obriga a ser flexíveis em nossos pensamentos de modo a permitir diferentes associações.

Nossa sugestão é começarmos a trabalhar juntos. Na atividade três desse módulo estamos falando em realizarmos um Fórum por meio do qual podemos começar juntos um processo criativo.

Bibliografia

KNELLER, George F. Arte e Ciência da criatividade. São Paulo: Ibrasa, 1978

OECH, Roger von. Um “toc” na cuca: técnicas para quem quer ter mais criatividade na vida. São Paulo: Cultura, 1998

OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986

Leia Também

WECHSLER, Solange Muglia. Criatividade e inovação: O impacto de uma educação estimuladora. In: Associação Brasileira de Criatividade e Inovação. Ver em: http://www.criabrasilis.org.br/arquivos/pdfs/100_criatividade.pdf

SILVA, Cínthia Luiz da; ALTINO FILHO, Humberto Vnício. O uso da tecnologia como ferramenta didática no processo educativo. In: Anais do III Seminário Científico da FACIC – Sociedade, Ciência e Tecnologia, 2017. Disponível em: <http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/semiarocietifico/article/view/399>